

# O trabalho etnográfico e a análise situacional: entre a experiência e a teoria<sup>1</sup>

Dulcídio Cossa (Nyimpini Khosa)<sup>2</sup>

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Brasil

## Resumo

Neste artigo pretendo propor uma análise situacional partindo de alguns pressupostos levantados por Max Gluckman e outros antropólogos. Pensar na forma como nos relacionamos com o nosso campo de pesquisa tendo em conta as situações que o mesmo nos proporciona, algumas previstas e outras imprevistas; a forma como nós enquanto pesquisadores nos relacionamos com nossos interlocutores e os limites dessa relação. Através de eventos ocorridos na minha entrada no campo de pesquisa procuro refletir como é que de situações espontâneas ou não programadas o campo pode se revelar ao pesquisador. Portanto, o artigo sugere olhar para os obstáculos não como dificuldades a serem ultrapassadas, mas, a serem pensadas com o intuito de aperfeiçoar o trabalho antropológico e compreender melhor a realidade social que pesquisamos.

**Palavras-chave:** Situação social; Estrutura social; Relações sociais.

## Abstract

In this article I intend to propose a situational analysis based on some assumptions raised by Max Gluckman and other anthropologists. Think about how we relate to our field of research taking into account the situations it provides, some predicted and other unforeseen;

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Doutorando e Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pesquisador do Instituto de Ciências Sociais da UERJ/Núcleo de Estudos da Religião (NUER). Bolsista CNPq – Brasil. Professor da Universidade Rovuma – Moçambique. Nyimpini Khosa é o nome africano do autor. [dmacossa@gmail.com](mailto:dmacossa@gmail.com)

the way we as researchers relate to our informants and the limits of that relationship. Through events that occurred in my entry into the field of research, I try to reflect how, from spontaneous or unscheduled situations, the field can reveal itself to the researcher. Therefore, the article suggests looking at the obstacles not as difficulties to be overcome, but to be thought with the intention of improving the anthropological work and better understand the social reality that we research.

**Keywords:** Social situation; Social structure; Social relationships.

### **Notas introdutórias**

O campo de pesquisa por vezes nos impõe simples situações inesperadas que não as podemos tomá-las de ânimo leve, mas procurar concebê-las e compreendê-las minuciosamente, pois podem ser mais complexas do que realmente parecem, ademais, podem nos dizer muito do campo que pesquisamos.

Assim, meu objetivo neste artigo é fazer uma análise situacional partindo de eventos por mim vividos durante o trabalho de campo de mestrado<sup>3</sup>, remetendo, portanto, a pensar em como articulamos a experiência vivida e a teoria, ou seja, a teoria e a prática. Para tal, tomarei como conceitos de referência *situação social, estrutura social e conflito*, por achar que são conceitos que podem contribuir para a compreensão das relações sociais e da vida em comunidade. As reflexões de Max Gluckman aparecem aqui como alicerces de perspectiva de análise.

Os eventos aqui narrados ocorreram em Macuane (meu campo de pesquisa) - Moçambique<sup>4</sup>. Macuane é um posto administrativo que integra as localidades de Chichango, Macuane e Tuane Oriental e faz parte dos seis postos administrativos que

---

<sup>3</sup> O trabalho de campo em causa decorreu entre 2015 e 2017.

<sup>4</sup> Moçambique, oficialmente designado como República de Moçambique, é um país localizado no sudeste do continente Africano, banhado pelo Oceano Índico a leste e que faz fronteira com a Tanzânia ao norte; Malawi e Zâmbia a noroeste; Zimbabwe a oeste e Suazilândia e África do Sul a sudoeste. A capital e a maior cidade do país é Maputo.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mo%C3%A7ambique>. Acesso em: 05 set. 2016.

compõem o distrito de Bilene, de entre os quais: Chissano, Macia, Mazivila, Messano e Praia do Bilene <sup>5</sup>.

Deste modo, começarei por apresentar de forma sintética alguns pontos levantados por Max Gluckman no seu estudo na Zululândia, que acho importantes para o que pretendo discutir e em seguida apresentarei a discussão proposta neste artigo, relativa ao meu trabalho de campo em Macuane.

### **O trabalho etnográfico e a análise situacional: entre a experiência e a teoria**

Max Gluckman faz uma análise de diversas situações sociais vividas que remetem a certas reflexões do campo antropológico em seu ensaio *Análise de uma situação social na Zululândia moderna*. O autor analisa as relações entre africanos zulus e brancos do norte da Zululândia, baseando-se em dados coletados durante sua pesquisa de campo, realizada entre 1936 e 1938. No norte da Zululândia, Gluckman (1995) pesquisou uma seção territorial do sistema social da África do Sul, especificando suas relações com o sistema enquanto um todo. E começa a análise descrevendo uma série de eventos conforme foram registrados por si num único dia, e denomina tais eventos de “situações sociais”, pois procura analisá-los em suas relações com outras situações no sistema social da Zululândia. Tal como aponta o autor:

As situações sociais constituem uma grande parte da matéria-prima do antropólogo, pois são os eventos que observa. A partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições, etc. daquela sociedade. Através destas e de novas situações, o antropólogo deve verificar a validade de suas generalizações [...] Quando se estuda um evento como parte do campo da sociologia, é conveniente tratá-lo como uma situação social (Gluckman, 1995: 228).

Assim, adota o método de estudo de caso detalhado, que o próprio Max Gluckman denominou *extended-case method*, tentando delinear a estrutura social da Zululândia moderna (Gluckman, 1995).

---

<sup>5</sup> Disponível em “[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Bilene\\_Macia\\_\(distrito\)&oldid=27509127](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Bilene_Macia_(distrito)&oldid=27509127)” Acessado em: 2 Abr. 2012.

Portanto, para Gluckman (1995) uma situação social é entendida como o comportamento em algumas ocasiões, de indivíduos como membros de uma comunidade, analisado e comparado com seu comportamento em outras ocasiões. Desta forma, sua análise revela o sistema de relações subjacente entre a estrutura social da comunidade, as partes da estrutura social, o meio ambiente físico e a vida cotidiana dos membros da comunidade.

A análise de Gluckman e os eventos por si narrados estão em torno de um evento maior ou situação social principal que era a inauguração de uma ponte no distrito de Mahlabatini. Assim, para o autor, o fato dos zulus e dos europeus poderem cooperar na inauguração da ponte mostra que formam conjuntamente uma única comunidade com modos específicos de comportamento. Apesar dos zulus e europeus estarem organizados em dois grupos na ponte, seu comparecimento ao evento implica para Gluckman (1995), estarem unidos na celebração de um assunto de interesse comum. Mesmo assim, o comportamento de um grupo em relação ao outro é desajeitado, o mesmo não ocorrendo no interior de cada grupo racial. De fato, as relações entre os grupos são muito frequentemente marcadas por hostilidade e conflito (Gluckman, 1995).

Deste modo, para Gluckman (1995) os dois grupos (pretos e brancos / zulus e europeus) diferenciam-se em suas inter-relações na estrutura social da comunidade da África do sul, da qual a Zululândia constitui uma parte, e através dessas inter-relações podem-se delinear separação, conflito e cooperação em modos de comportamento socialmente definidos.

Importa ressaltar que, o que mais me interessa repisar é o fato de que Gluckman faz uma análise na qual parte de uma situação social central, contudo, os contornos de sua análise vão se assentando também em torno de alguns eventos espontâneos que decorrem, ora por via de seus interlocutores, ora por via de outros intervenientes que também de forma espontânea aparecem no seu percurso até ao evento que ia presenciar em Mahlabatini. Assim, é por aí que pretendo desenvolver minha análise, na idéia de como algumas situações sociais e eventos espontâneos nos aparecem a nós como pesquisadores como matéria de estudo, discutir o quanto os eventos espontâneos e situações sociais nos podem dizer sobre a estrutura social de um determinado contexto. E aí, os conceitos de

estrutura social e situações sociais mostram-se fundamentais nesta análise. Tal como sugere Gluckman (1995: 228):

As situações sociais constituem uma grande parte da matéria-prima do antropólogo, pois são os eventos que observa. A partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições, etc. daquela sociedade.

Não pretendo fazer concretamente uma análise comparativa de situações sociais tal como fez Max Gluckman, mas a partir de eventos (aparentemente isolados entre si), situações sociais por mim vividas no decorrer do meu trabalho de campo de mestrado em Macuane - um posto administrativo do distrito de Bilene em Moçambique - refletir em como tais situações podem revelar-nos muito sobre a estrutura social de um contexto (neste caso, Macuane) e pensar em como tais situações nos remetem aos desafios do trabalho de campo (desde a relação pesquisador-interlocutores até aos mais diversificados desafios), e como eles devem ser pensados no campo da antropologia, do fazer etnográfico.

### **Mussotxuwa e a bebida do soldado: repensando a relação com interlocutores**

Cinco horas da manhã, dia 12 de Janeiro de 2016. O despertador tocava incessantemente, o ouvido escutava, mas o corpo se negava a levantar, contudo, a mão erguia-se para desligar o som do despertador que perturbava o sono. Era hora de ir ao campo de pesquisa, pois o trabalho de campo me esperava. Era hora de enfrentar os desafios do trabalho de campo, hora de usar a “máscara do antropólogo”, momento de desativar e ativar certos elementos identitários na “pessoa” do pesquisador.

12 km por percorrer me esperavam até a comunidade de Macuane e o meio de transporte era a garupa de uma motocicleta. Mas antes da partida certifico-me se estou munido de todos os meus instrumentos de trabalho, sobretudo os que eu precisaria no dia, assim, lanço na mochila o meu diário de campo, caneta, lápis, gravador, câmara fotográfica, computador, tablet, etc. Tal como um soldado deve ir à batalha munido de toda sua artilharia de guerra, o antropólogo também deve estar “armado até aos dentes”, pois o campo de pesquisa é um território imprevisível, ainda que não desconhecido, e este já me era “familiar”. Primeiro, porque Macuane é terra natal dos meus pais e meu pai é o superior

líder tradicional daquela comunidade na estrutura hierárquica de liderança. Ele é o *hosi*<sup>6</sup> de Macuane, contudo, é um lugar que pouco frequento por motivos alheios à minha vontade, e por isso em algum momento eu me parecia estranho a certas pessoas daquele espaço. Segundo, porque é onde desenvolvi o trabalho de campo da minha monografia de licenciatura. Portanto, embora desconhecido aos olhos de alguns, eu não era tão estranho naquela área, ou seja, eu era um “estranho não estranho”.

A missão a cumprir nesta viagem ao campo era presenciar o ritual “*kuhawula mindzeko*<sup>7</sup>” ou “*kuphahla nguva ya ukanyi*<sup>8</sup>”, que é o ritual de abertura da época de *ukanyi*, época em que se realiza o *ritual de ukanyi – mhamba ya ukanyi*<sup>9</sup> (meu objeto de estudo). Importa ressaltar em poucas linhas o meu objeto de estudo.

O *ritual de ukanyi* é parte integrante de uma série de rituais da época de *ukanyi* (*nguva ya ukanyi*<sup>10</sup>) que comporta três rituais afins: *kuhawula mindzeko*<sup>11</sup>, *xikuwha*<sup>12</sup>, e *kuhayeka mindzeko*<sup>13</sup>. E segundo Valoi (2010), durante este período de festa popular, as leis sociais normais são mais ou menos suspensas, incluindo a atividade agrícola, por forma a se responder ao grande momento da festa comunitária. O ritual de *ukanyi* é um momento festivo em que o líder comunitário fica mais próximo da população sob a sua jurisdição (Valoi, 2010).

*Ukanyi*<sup>14</sup> é uma bebida produzida a partir dos frutos do canhoeiro, cientificamente conhecido como *Sclerocarya birrea*, uma árvore fruteira que ocorre em alguns países do continente africano tais como Moçambique, África do Sul, Namíbia, Eswatini (Swazilândia), Zimbabwe, Botswana, na África Equatorial (entre a Etiópia e o Sudão, a Norte), entre outros. Segundo Valoi (2010) *ukanyi* é uma bebida que é dotada de um grande

---

<sup>6</sup> Expressão em *xiChangana* - língua local de Macuane, mais frequentemente falada no Sul de Moçambique, sobretudo na província de Gaza referente a rei. *Xichangana* é uma língua do grupo etnolinguístico Tsonga do povo Bantu.

<sup>7</sup> Em *xiChangana*, língua local de Macuane, mais frequentemente falada no Sul de Moçambique, sobretudo na província de Gaza, *kuhawula mindzeko* é o nome atribuído ao ritual de abertura da época de *ukanyi* (uma bebida tradicional).

<sup>8</sup> Em *xi changana*, língua local de Macuane, *kuphahla nguva ya ukanyi* é relativo a abençoar a época de *ukanyi*.

<sup>9</sup> Em *xi changana*, língua local de Macuane, *mhamba ya ukanhy* é relativo a ritual de *ukanhy*.

<sup>10</sup> Nome em *xi changana*, língua local, que significa época da bebida de canhú.

<sup>11</sup> Nome atribuído a este ritual em língua local (*xi changana*).

<sup>12</sup> Nome atribuído ao ritual de *ukanhy* em língua local (*xi changana*).

<sup>13</sup> Nome atribuído a este ritual em língua local (*xi changana*).

<sup>14</sup> Nome em língua local (*xi changana*).

valor sociocultural em Moçambique, concretamente na região sul do país. Assim, o ritual de *ukanyi* é organizado com a finalidade de celebrar e consumir a bebida tradicional-sagrada *ukanyi*, bem como a sua época.

Lá fui na garupa da motocicleta, o trajeto era “Macia – Macuane” (12 km como me referi anteriormente), estrada “terra-batida”, com arreal, uma picada de mata meio serrada. Ainda de partida na vila da Macia, eis que recebo um telefonema, estando na motocicleta em movimento ignorei-o, mas meu celular continuava tocando incessantemente, e achando que se tratasse de um caso de “vida ou morte” decidi atender. Para minha surpresa, era um de meus interlocutores de Macuane que vou tratá-lo por Mussotxuwa, ele me pedia que levasse da vila algumas bebidas alcoólicas como brinde para ele, pão e farinha de milho para a comunidade, pois a comunidade matara/sacrificara um cabrito para a cerimônia. Então me recordei no momento que um dia antes Mussotxuwa me tinha abordado o assunto quando me ligara para avisar-me da realização do ritual, contudo, eu me havia esquecido do assunto. Por conseguinte, Mussotxuwa me ligava para assegurar que eu levasse os brindes.

Tratei de dar uma parada nas lojas, e com agrado perguntei ao Mussotxuwa que bebida ele preferia, e respondeu-me que bebia “diversos”, então o tipo de bebida dependia de mim, mas de seguida frisou: “tem que ser uma bebida bem forte, bebida para soldado”. Percebi imediatamente a “deixa” (dica) e já sabia de que se tratava. Providenciei as bebidas e o resto dos produtos solicitados, logo de seguida prossegui com a viagem.

Ciente do debate da antropologia sobre “brindes para interlocutores”, no qual não há um consenso sobre o ser ou não ser correto ou ético, durante a viagem eu me questionava se tinha tomado a atitude correta levando aqueles brindes. Será que era aquele um meio para garantir informações fidedignas no campo? Será que estava sendo posta à prova a minha fidelidade junto a meus interlocutores? Quais eram as expectativas de meu interlocutor? Esperava de mim uma reação de amigo, de um conhecido, ou de um pesquisador? E quais eram minhas expectativas como pesquisador?

As interrogações eram tantas, mas o certo é que eu precisava garantir informações e estar profundamente e se calhar, intimamente mergulhado no meu campo de pesquisa e me relacionar bem com a comunidade e demais sujeitos da minha pesquisa. Logo, tinha que garantir que não frustrasse suas expectativas.

Após alguns minutos de viagem, contemplando verdes campos e ouvindo o som dos pássaros, eis que chego à Macuane e me dirigi direto à casa de meu interlocutor Mussotxuwa, que ouvindo o som da motocicleta logo tratou de se posicionar para me receber em sua casa. E antes que eu saltasse da motocicleta uma mulher veio em minha direção para me receber, ou seria para receber as trouxas que eu trazia, pois me parecia mais preocupada com as trouxas do que comigo (o visitante) como se já soubesse de antemão o que eu levava nas trouxas.

Tratamos então de desamararr as referidas bagagens da motocicleta. Saudei a família, um abraço ao Mussotxuwa e ele no meu ouvido sussurrou: “que tal, não te esqueceste das bebidas do soldado né?” E eu fingindo cara de desapontado respondi que não tinha conseguido comprar as bebidas pois as lojas estavam encerradas. Naquele momento senti os batimentos cardíacos de Mussotxuwa a desacelerarem e vislumbrei no seu rosto um semblante melancólico. Com receio de que apanhasse um “ataque cardíaco”, rindo eu disse-o que estava a brincar, e aí num impulso voltei a sentir os batimentos cardíacos de Mussotxuwa a acelerarem e seus lábios rasgavam uma gargalhada (acho que era emoção), o ambiente voltou a se tranquilizar e a emoção era contagiante.

Imediatamente Mussotxuwa ordenou as mulheres da casa que providenciassem a refeição. Enquanto esperávamos a refeição trocamos uma conversa e falamos de vários assuntos, da seca e da fome que assolavam a região, da colheita que não era a desejada, falou-me de suas aventuras e de outras intempéries e eu falei-lhe da minha viagem de motocicleta e do andamento do meu trabalho e também das minhas aventuras e conquistas. E de seguida tomamos a refeição. Era carne de cabrito ao molho, acompanhado de *xima* (massa de farinha de milho – prato frequente naquele espaço). E Mussotxuwa segredou-me que aquela carne era do cabrito de que me falara que tinha sido sacrificado (diga-se de passagem, “a carne ‘tava’ muito deliciosa”). Enquanto isso, Mussotxuwa abriu uma das bebidas que eu o tinha ofertado, para brindarmos.

Como eu estava ciente do trabalho de campo que ia lá fazer, recusei-me a beber, pois não podia consumir álcool visto que, precisava manter o “juízo no lugar” para enfrentar as entrevistas, conversas com as pessoas, enfim, precisava manter-me sóbrio e lúcido, sob risco de ter todo o trabalho etnográfico deturpado.



Mussotxuwa insistiu e eu recusei, mais uma vez insistiu e eu recusei uma vez mais. Então voltei a ver mais um momento melancólico e a decepção aos olhos de Mussotxuwa se instalava.

De seguida, por iniciativa própria decidi pedir um cálice da bebida e Mussotxuwa sorrindo disse: “toma logo dois”. Tomei e continuamos conversando.

Naquele momento percebi que tomar a bebida com meu interlocutor era muito mais do que tentativa de nos embriagarmos e mais do que o belo prazer do álcool, era sim um meio através do qual eu compartilhava algo que fazia parte do dia-a-dia dele. E ao aceitar a bebida era aceitar seu modo de vida, era aceitá-lo tal como ele é, e mais do que isso, era eu sendo reconhecido como “integrante daquele espaço social”, pois abunda naquele meio uma bebida tradicional e bem forte, destilada artesanalmente de nome *sope* ou *ntóm-ntóm-nto* que faz parte do cotidiano de Macuane e é compartilhada pelos demais membros daquele espaço rural, e como referi, aquele era um contexto no qual minhas origens estão assentes. Ademais, era também eu sendo aceite como “pesquisador”, como “antropólogo”, visto que aquele ato possibilitaria momento de diálogo sobre a pesquisa.

No ato de beber junto pesava mais o ato de “aceitação”, não necessariamente da bebida, mas aceitação do outro, e negar a bebida seria visto como um ato de negação do outro, inclusive de inferiorização do outro. Pois, naquele espaço o que é oferecido por alguém não se pode rejeitar, sob risco de ser visto como um ato de estranhamento, sobretudo quando quem é ofertado é estrangeiro naquele meio ou visitante.

Portanto, negar ou rejeitar a bebida seria negar a “cultura” de Mussotxuwa e negar a cultura de Macuane. Assim, em parte, a estrutura social de Macuane se entrelaça nas relações sociais de seus membros, que envolvem a troca e aceitação de oferendas entre os membros da comunidade, e, entre os membros e visitantes.

### **O convite “relâmpago”: revelações do campo**

No exato momento em que eu estava com Mussotxuwa fui convidado a participar dum encontro, uma reunião da comunidade com os líderes locais, dentre os quais, líderes tradicionais e representantes do governo. O encontro visava reunir a comunidade e seus

líderes para o balanço do ano 2015 e transição para 2016 e discutir ainda os planos do futuro da comunidade de Macuane. Contudo, esse encontro não fazia parte da minha agenda e muito menos tinha a ver com o meu trabalho de campo naquele dia, visto que o que me levava a Macuane era o ritual *kuhawula mindzeka* que se realizaria naquele dia. O convite foi relâmpago, ou seja, pegou-me de surpresa.

Decidi ir ao encontro, mas meio desapontado, pois eu queria começar logo com o trabalho de campo “propriamente dito”, e para mim o relógio contava rápido e seria tempo perdido. Tal desapontamento se devia ao fato de eu estar “apegado” a um pensamento no qual o trabalho de campo ocorre quando participamos do evento em causa e fazemos entrevistas. Porém, minha experiência nessa pesquisa ensinou-me que o trabalho de campo começa a partir do momento em que concebemos o projeto e identificamos nosso objeto ou sujeitos de pesquisa. E para tal, é preciso deixar o campo falar.

Chegados ao encontro, faltavam ainda algumas personalidades sem as quais o encontro não poderia começar, e tivemos que esperar, o que frustrava mais a minha paciência. Passado um tempo o encontro finalmente iniciou. E antes de mais fui posto junto aos líderes, e, eu insistindo em estar com os demais populares fui “coagido” a estar com os líderes diante da comunidade, por um lado, porque eu era filho do líder de Macuane, e por outro lado, porque era pesquisador. Ora, tudo isso me criou um certo constrangimento. Mas ao mesmo tempo, esse ato era uma forma de indicar-me o “lugar” que eu merecia tomar na comunidade, tanto como pesquisador, bem como filho.

Doravante, na reunião, a comunidade estava dividida em dois grupos: homens sentados de um lado e mulheres sentadas do outro lado, prática comum naquele espaço, naquele contexto e, sobretudo em contextos rurais em diversas regiões de Moçambique. Iniciada a reunião, vários membros se apresentaram e por fim fui apresentado à comunidade e me foi dado a palavra para que eu falasse pessoalmente, me apresentasse e explicasse à comunidade a minha presença em Macuane e o “viés” do meu trabalho. E diante de tamanha oportunidade usei de todas as minhas artimanhas de expressão para me apresentar como antropólogo, pesquisador e explicar o cerne do meu trabalho.

A minha apresentação na comunidade ora como filho de uma família daquela comunidade (tal como referi anteriormente, Macuane era terra natal de meus pais), ora

como pesquisador se formando no Brasil (diáspora), significava pelo menos três coisas para a comunidade de Macuane. Primeiro, era visto como pesquisador - antropólogo através do qual a cultura de Macuane, seu modo de vida, seus valores, práticas, costumes, podiam ser levados e reconhecidos além fronteiras. Segundo, era visto também como um exemplo a ser seguido na comunidade, visto que eu seria uma das poucas pessoas, senão a única com origens naquela comunidade e que alcançara o grau de estudos que eu frequentava (mestrado) e que voltara para a comunidade para se empenhar em estudar sua cultura e difundi-la pelo “mundo fora”. Terceiro, eu representava esperança para o desenvolvimento da comunidade, uma vez que se acreditava que aquele estudo de certa forma traria benefícios à comunidade e também que, com o meu nível de formação eu poderia corroborar para catapultar o desenvolvimento.

Contudo, estes fatos eram para mim como indivíduo e cidadão motivos de orgulho, mas também, tantas expectativas depositadas em mim, significavam constrangimento para mim como pesquisador, uma vez que poderiam ter implicações na pesquisa, ou seja, esta situação simbolizava ao mesmo tempo, por um lado, orgulho, e por outro, constrangimento.

Como pesquisadores e fazendo parte da rede de relações do grupo pesquisado procuramos não frustrar as expectativas do grupo, e por sua vez, o grupo estudado também procura satisfazer as nossas expectativas. Porém, isto pode de certa forma minar o rigor científico da nossa pesquisa. Assim como nota Da Costa (2003), a proximidade pode por um lado facilitar a entrada no campo, por outro lado pode dificultar o trabalho. Daí que, como pesquisadores precisamos fazer uma vigilância constante e contínua na relação que estabelecemos com o nosso grupo ou campo de pesquisa e nossos interlocutores.

Na reunião, dentre vários aspetos discutidos um me despertou especial atenção. Um dos líderes comunitários levantou-se para narrar um acontecimento, o fato é que segundo ele, tinha achado durante a sua atividade de caça no mato, um embrulho composto de cueca, lâminas, agulhas, algumas raízes e fios de diversas cores que envolviam os objetos. Ao achar, tratou de chamar membros da comunidade para que em conjunto avaliassem o embrulho, estes que por fim decidiram queimar o referido embrulho, pois concluíram em consenso que tratava-se de um trabalho de feitiçaria, de ordem supersticioso feito para alguém da comunidade ou para a comunidade, e tal ato de feitiçaria estaria por detrás de

certos infortúnios, males e insucessos naquela comunidade, tal como relataram alguns membros da comunidade, contudo, a tentativa de queimar resultou em fracasso, que a comunidade acreditava que se devia ao forte poder do “feitiço” feito.

O fato de os membros da comunidade concordarem de forma consensual em queimar o embrulho da “feitiçaria” remete-nos à partilha de valores em comum tais como a “não prática de atos de feitiçaria”, por conseguinte ao reconhecimento de existência de tal prática (feitiçaria) e à solidariedade entre os membros que caracteriza a comunidade de Macuane, solidariedade essa que pressupõe à um dado momento certo equilíbrio temporário da estrutura social de Macuane, se entendermos o “equilíbrio como as relações interdependentes entre partes diferentes da estrutura social de uma comunidade em um período particular” (Gluckman, 1995: 260). Contudo, pode-se notar que, para além do equilíbrio temporário e tranquilidade, as relações sociais dos macuaneses são caracterizadas também por tensões e conflitos devido às diferenças, não raciais como constatou Gluckman (1995) ao analisar a estrutura social da Zululândia, mas às diferenças de crenças e valores dos membros de Macuane.

Portanto, este fato ilustra o sistema de crenças que envolve as relações sociais dos macuaneses e reflete consequentemente parte da estrutura social de Macuane. Deste modo, pode se dizer que a estrutura social de Macuane é caracterizada em parte, também por conflitos decorrentes da existência no mesmo contexto social de um sistema de valores e crenças compartilhado por toda uma coletividade e de um sistema de valores e crenças que não é compartilhado por todos, neste caso, a feitiçaria.

Entretanto, importa salientar que, a forma como os indivíduos estavam dispostos ou distribuídos naquela reunião, onde cada um dos participantes estava sentado, os líderes e eu sentados a frente dos demais membros da comunidade, as mulheres e homens sentados de forma separada, fez-me perceber como é que a estrutura social de Macuane se organiza no que concerne ao “lugar” ou “posição social” de cada membro no seio da comunidade. Igualmente, com isso passei a perceber também o “lugar” de indivíduos visitantes da comunidade como era o meu caso como “visitante-pesquisador-antropólogo”.

Mais ainda, a reunião possibilitou-me entender que a estrutura social de Macuane se configura num sistema de valores, costumes e crenças que perfazem as relações sociais

estabelecidas entre os membros da comunidade e que, a estrutura social de Macuane é também constituída pelo que Gluckman (1995) chamou de “situações de conflito”.

Certos aspectos importa frisar nestes fatos narrados. Primeiro é que, de um encontro fora da agenda e aparentemente distante do meu objeto de pesquisa fui introduzido à comunidade de Macuane em geral, por um lado, como “indivíduo”, e por outro, como pesquisador/antropólogo. Ou seja, daí passei a ser “reconhecido” pela comunidade como “pesquisador” e como “membro”, familiar à comunidade, o que facilitaria e fortaleceria o meu relacionamento com os demais membros da comunidade de Macuane. Reconhecimento esse que veio a intensificar-se quando, num dos rituais de *ukanyi* decidi de forma espontânea entrar na roda de dança cantando e dançando uma canção em *xichangana*, ato que “pegou” todos de surpresa e valeu-me muitos aplausos, pois não se esperava que “o antropólogo” que ali estava em missão de pesquisa dançasse e cantasse tão bem algo tradicional quanto o fez. Esse ato também manifestava uma reação espontânea de valores culturais que eu carregava enquanto familiar àquele contexto social.

Portanto, naquele momento o respeito e o reconhecimento por mim se fortificava, e eu me tornara “membro por reconhecimento”, se entendermos a noção de membro na visão de Garfinkel (1967), como aquele que compartilha da mesma “linguagem” do contexto social em que está inserido, assim, a noção de membro transcende a pertença ao grupo social. Ademais, a dança e o canto tradicional formavam parte da linguagem da comunidade de Macuane, ou seja, ao dançar e cantar em língua local *xichangana* eu estabelecia uma comunicação, de âmbito corporal e verbal que constitui o sistema de interação naquele contexto social. E mais ainda, o conteúdo da canção retratava em parte, fatos do cotidiano de Macuane, o que implicava que, retratar fatos do cotidiano de Macuane por via da canção significava para a comunidade a partilha de certos valores da coletividade que constituem a estrutura social.

Segundo, naquele encontro o campo revelou-me sujeitos que viriam a ser objetos ou sujeitos de pesquisa e interlocutores para o meu trabalho de campo, importantes para a compreensão do ritual de *ukanyi*; o campo revelou-se a mim e mostrou-me os contornos que configuram a estrutura social de Macuane.

Destarte, como propõe Geertz (1989) na observação da briga de galos balinesa, presenciar o encontro, a reunião, foi para mim como pesquisador, de certa forma, “ler” uma parte do universo sociocultural e político de Macuane, visto que pude ficar sabendo de vários problemas, valores, hábitos, costumes, enfim, parte do *modus* de vida daquela comunidade com mais profundidade, uma vez que a reunião era do balanço do dia-a-dia da comunidade. Não quero com isso sugerir que a vida de Macuane se resume àquela reunião, mas sim, que parte dos fatos levantados no encontro refletem parte do cotidiano dos macuaneses e, conseqüentemente, a estrutura social de Macuane.

Portanto, estes fatos narrados sugerem-nos que, por vezes o campo se revela a nós por via de algumas situações, alguns acontecimentos ou eventos não programados, acontecimentos espontâneos que surgem como dados fundamentais para nossa pesquisa.

Mais ainda, estas situações sociais presenciadas, narradas, nos remetem à questão da autoridade etnográfica levantada por Clifford (1998), sobre como é que o antropólogo legitima a autoridade dos dados que nos revela, como ele nos garante que “esteve lá” tal como aponta Geertz (2002), e penso que os fatos aqui narrados são reveladores dessa autoridade, e nesse caso, a “descrição densa” de Geertz (1989) é fundamental para sustentar essa autoridade etnográfica. E a minha “tentativa” aqui foi trazer a descrição densa à superfície.

### **Notas finais**

Dentre muitos aspectos, esta discussão sugere que a experiência e a teoria são elementos a serem sempre considerados em relação um com o outro, isto é, a teoria não deve ser concebida como isolada da experiência e vice-versa. A pesquisa etnográfica só é realmente sólida se a teoria for articulada com a prática, esta última que se revela com as experiências cotidianas do nosso campo de pesquisa, que por sua vez (as experiências) nos ensinam as artimanhas do trabalho etnográfico. Assim sendo, não é a realidade social que deve se enquadrar à teoria, mas, a teoria é que deve se adaptar à realidade social pesquisada.

Os desafios do trabalho de campo convidam-nos a rever a relação entre pesquisador e sujeitos de pesquisa, no trabalho de campo tem que se ter em conta as expectativas tanto do pesquisador bem como do grupo pesquisado.

Os fatos narrados sugerem-nos que, por vezes o campo se revela a nós por via de algumas situações sociais não programadas que surgem como dados fundamentais à nossa pesquisa, o que nos sugere que, os obstáculos do trabalho de campo, se calhar, nem sejam para serem ultrapassados, mas para serem pensados, ou seja, mais do que superá-los, os obstáculos do trabalho de campo devem nos remeter a uma reflexão profunda sobre os desafios do trabalho de campo, bem como sobre o objeto em questão, e provavelmente este seja um dos maiores desafios do trabalho etnográfico.

Os eventos de Macuane que apresentei e discuti demonstram o quão a análise situacional se apresenta como um método eficaz para a compreensão das relações sociais e da estrutura social de grupos, comunidades e a sociedade no geral. Deste modo, a observação participante é uma atividade ou “arte” que exige do pesquisador um olhar muito atento e uma vigilância constante. E tal como a observação participante, o trabalho etnográfico no seu todo é ou deve ser também um trabalho de vigilância contínua.

### **Referências bibliográficas**

CLIFFORD, James, 1998, “Sobre a autoridade etnográfica”, em José Gonçalves (Org.), *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro, EDUFRRJ.

DA COSTA, Sandra, 2003, “Uma experiência com autoridades: pequena etnografia de contato com o hip-hop e a polícia num morro carioca”, em Gilberto Velho, Karina Kuschnir (Orgs.), *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

GEERTZ, Clifford, 2002, “Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita”, em *Obras e vidas – o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.

GEERTZ, Clifford, 1989, “Notas sobre a briga de galos balinesa”, em *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC.

GLUCKMAN, Max, 1995, *Custom and Conflict in Africa*. Oxford: Blackwell.

VALOI, Alberto, 2010, *Ukanhy Festival: N'kuvu wa wukanhy*, em <<<http://www.dekhanaproducoes.com/news/ucanhy%20festival%20-%20n%C2%B4kuvu%20wa%20wukanhy/>>> (consultado em 2/03/2012).

VELHO, Gilberto, 1978, "Observando o familiar", em Edson Nunes (Org.), *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar.